

O GÊNERO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS: ALTERNATIVAS PARA O ENSINO

Luppi, Sandra Elaine

O presente trabalho propõe, através da análise do texto de divulgação científica para crianças, a superação do enfoque gramatical prescritivo e descontextualizado, priorizando a análise lingüística, entendida aqui como a reflexão sobre o processo de construção de sentidos do gênero em questão, a partir de seus recursos textuais, lexicais e gramaticais, vinculada ao seu contexto de produção. Parte de uma reflexão teórica sobre as diferentes concepções de linguagem e fundamenta-se na perspectiva do contexto interativo-discursivo, considerando o conceito de gêneros do discurso tal como postulado por Bakhtin e adotando-os como objeto de ensino e aprendizagem. Apresenta uma seqüência de atividades direcionadas e aplicadas a alunos do ensino médio, como uma possibilidade de transposição didática da teoria que embasa o trabalho. Conclui que a análise lingüística contextualizada, articulada ao gênero discursivo, considerado como eixo organizador do ensino de língua portuguesa, pode contribuir significativamente para a formação de escritores e leitores mais competentes.

Palavras-chave: gêneros discursivos. análise lingüística. transposição didática.

INTRODUÇÃO

Apesar do inegável quadro de insucesso escolar no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita, bem como de todas as contribuições das ciências lingüísticas nas últimas décadas - presentes, inclusive, em diretrizes oficiais da educação - percebemos que ainda predominam, nas salas de aula da educação básica, atividades de estudo de nomenclaturas e classificações gramaticais, sem nenhuma relação com o texto ou o contexto situacional. Modificar uma prática tão profundamente arraigada não é fácil. Daí a importância de um estudo sobre a linguagem que, além de oferecer fundamentação teórica, proponha alternativas de encaminhamentos metodológicos para sala de aula.

Para darmos conta dessa proposta, partimos do pressuposto de que é necessário que a leitura e a escrita sejam consideradas como práticas sociais, e se priorizem atividades que levem o aluno ao uso da linguagem em situações reais de interlocução.

Um processo educativo nos moldes descritos acima só será possível se tomarmos como fundamento uma concepção dialógica da linguagem, conforme proposto por Bakhtin, ou seja, uma concepção de língua como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais que, por sua vez, concretizam-se nos diferentes gêneros discursivos que circulam em nossa sociedade.

Segundo esse autor, os enunciados que criamos nos mais variados contextos sociais possuem aspectos discursivos (semânticos e formais) relativamente estáveis, que foram historicamente produzidos. A variedade desses gêneros é infinita, pois cada esfera de atividade humana comporta uma diversidade de

gêneros, que vão desde um diálogo do cotidiano até um texto mais formal, como um artigo científico. A conclusão a que podemos chegar, então, é que falar ou escrever é, essencialmente, uma experiência lingüística com os diversos gêneros discursivos existentes, pois são eles que organizam a nossa expressão. Sendo assim, o ensino de língua portuguesa precisa assegurar, ao aluno, o domínio da maior variedade possível de gêneros.

De acordo com Bakhtin, os gêneros podem ser caracterizados basicamente por três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo. O conteúdo temático refere-se aos assuntos possíveis de serem abordados nos textos pertencentes a determinado gênero. A construção composicional compreende a estrutura, ou o arranjo interno de textos pertencentes a um gênero. No estilo, consideramos os recursos lingüístico-expressivos do gênero e as marcas enunciativas do produtor do texto.

É dentro desse terceiro elemento – o estilo – que pretendemos focar a nossa contribuição, propondo a substituição do ensino centrado exclusivamente na gramática normativa e prescritiva, por um enfoque que priorize o trabalho com a análise lingüística, entendida aqui como “o processo reflexivo (epilingüístico) dos sujeitos-aprendizes em relação à movimentação dos recursos textuais, lexicais e gramaticais, no que tange ao contexto da produção e aos gêneros veiculados no processo de leitura, de construção e de reescrita textuais”. (Perfeito, 2005, p.60).

Assim, a gramática precisa ser entendida de uma forma diferente daquela normalmente preconizada pela escola, que costuma ser uma gramática da frase, desvinculada do texto. Para Antunes (2003, p.42) “Se a língua-em-função apenas ocorre sob a forma da textualidade, é natural admitir que só o estudo das regularidades textuais e discursivas, na sua produção e interpretação, pode constituir o objeto de um ensino da língua que pretenda ser produtivo e relevante”.

O objeto de ensino de língua portuguesa, portanto, não pode ser outro senão o texto, uma vez que não há outra forma de se chegar aos usos sociais da língua. É preciso, então, levar em conta a grande diversidade de gêneros discursivos existentes na vida social e trazê-los para nossas salas de aula. Neste trabalho, especificamente, optamos pela abordagem do gênero Divulgação Científica para Crianças. Após análise de textos da revista Ciência Hoje das Crianças, publicação mensal do Instituto Ciência Hoje, sob a responsabilidade da SBPC –Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, constatamos que o gênero textual Divulgação Científica para Crianças, embora mantenha com o gênero divulgação científica algumas similaridades, principalmente por também se constituir como um interdiscurso efetivado a partir dos textos jornalístico e científico, incorporando suas características de objetividade e, ao mesmo tempo, de subjetividade, constitui-se como um gênero discursivo com especificidades próprias. Dentre elas, podemos constatar uma preocupação muito maior com os elementos didatizantes e a ausência do depoimento de autoridade, não sendo este, aparentemente, considerado relevante para o convencimento do leitor. Além disso, percebe-se que o texto é informal, leve, estabelecendo uma interlocução muito mais próxima com o leitor. Porém, tal como no gênero de divulgação científica destinado a adultos, a coexistência da objetividade e da subjetividade torna o texto para crianças essencialmente argumentativo. Segundo Leibrunder (2000, p. 238), esse jogo de aproximação e distanciamento faz com que o leitor seja persuadido da “verdade” do texto. A própria participação do leitor - da criança, no caso - é na verdade uma pseudo-participação, uma vez que a ele não é dada a opção de discordar do que está sendo dito. A autora ainda conclui que “A ciência, enquanto representante do saber institucionalizado, ao possibilitar o acesso de indivíduos leigos aos seus domínios, visa, em

última instância, a persuadi-los da legitimidade do conhecimento por ela postulado, através de sua prática discursiva”.

A seguir, propusemos uma seqüência didática a ser trabalhada com alunos do Ensino Médio, a fim de concretizar, na prática pedagógica, a teoria estudada. Optamos por uma seqüência que parte do texto de divulgação científica de modo geral, para depois chegar ao texto de divulgação científica para crianças, mais especificamente. Entendemos que essa seria uma forma mais didática de introduzir o conteúdo junto aos alunos. Apesar de termos nos preocupado com a produção de um texto bem claro e didático, entendemos que o papel de mediador do professor é fundamental. Sem o seu acompanhamento e intervenção, explicitando para o aluno aquilo que ele ainda não consegue apreender sozinho, nenhum material didático pode alcançar seu objetivo.

Reproduzimos, a seguir, trechos do material proposto aos alunos, tecendo breves comentários a respeito.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente solicitamos a leitura de um texto, a fim de mobilizar os alunos para o conteúdo a ser abordado e realizar o levantamento de seu conhecimento prévio sobre o assunto:

Por que a torrada cai de ponta-cabeça?

Parece perseguição do azar: quando escapa da mão , um pedaço de pão ou torrada sempre aterrissa com a manteiga voltada para baixo. Mas, segundo o físico Robert Matthews, da universidade de Aston, em Birmingham, na Inglaterra, o inevitável acidente não é obra do destino, mas resultado da ação da força de gravidade. Depois de passar dias criando e resolvendo complicadas equações, ele chegou à conclusão de que a manteiga sempre vai de encontro

ao chão simplesmente porque a torrada não tem tempo , durante a queda , de se virar para cima. Quando escorrega de uma mesa de altura média (cerca de 80 centímetros), ela começa a girar no ar. Daí para a frente, o movimento segue o mesmo sentido, ao longo da queda. Para não cair de cabeça para baixo, a torrada teria que dar uma volta bem grande em torno de si mesma, ou seja, percorrer cerca de 270 graus, voltando a face amanteigada para cima. Mas, no final dos 80 centímetros da viagem, ela não tem tempo para isso. Matthews fez os cálculos e concluiu : se não quiser manchar o tapete, melhor comer sua torrada no alto de uma escada.

(Superinteressante , ano 9, nº 10)

Com o intuito de orientar o registro e a sistematização de seu conhecimento prévio, apresentamos uma tabela, incentivando os alunos a preenchê-la, em grupos:

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA		
1	Quem escreve	
2	Para quem é escrito	
3	Qual o seu objetivo	
4	Local de publicação	
5	Conteúdo temático	
6	Organização geral (estrutura)	
7	Marcas lingüísticas (características do texto)	

Após este levantamento inicial, foram elaboradas várias atividades que levaram os alunos a analisar o contexto de produção, o conteúdo temático, a construção composicional e as marcas lingüístico-enunciativas do texto apresentado. Apesar do foco do nosso trabalho serem as marcas lingüísticas, não seria coerente

com uma concepção interacionista de linguagem isolar apenas esse elemento, uma vez que muitas das marcas lingüísticas apresentadas ou das opções do autor devem-se à natureza do seu interlocutor, à definição do seu contexto de produção e às características da construção composicional do gênero. A fim de abreviar nosso relato, passaremos diretamente à abordagem realizada em relação às marcas lingüístico-enunciativas. Os aspectos trabalhados foram os descritos na tabela abaixo, sempre com a proposição de atividades que fizessem o aluno retornar ao texto e analisá-lo, cada vez com maior profundidade.

<i>TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO</i>	
<i>JORNALÍSTICO</i>	<i>CIENTÍFICO</i>
<i>1. Linguagem simples e acessível</i>	<i>1 Preocupação com a norma culta da língua</i>
<i>2. Título que procura chamar a atenção</i>	<i>2. Presença de termos técnicos</i>
<i>3. Interpelação direta ao leitor</i>	<i>3. Depoimento de autoridade</i>
<i>4. Caráter metalingüístico</i>	<i>4. Índices de impessoalidade: 3ª pessoa do singular, presente simples e nominalização</i>

Após o estudo de vários textos de divulgação científica destinados a adultos, passamos à análise de textos escritos para crianças. Procuramos sempre ressaltar, para os alunos, que um texto de divulgação científica para crianças provavelmente não seria escrito da mesma forma que um texto para adultos, pois o autor certamente levará em consideração quem é seu público leitor, qual é a sua faixa etária, terá que supor que conhecimentos prévios tem sobre o assunto, qual é o seu grau de domínio da língua , etc.

Dessa forma, procuramos assegurar que tivessem clareza de que não é possível desconsiderar um fato tão importante

como a definição de um interlocutor (leitor) com características tão específicas e que é preciso, portanto, fazer algumas adequações no “como dizer”. A partir da análise do texto “Gelatina: doce curiosidade” , publicado na Revista Ciência Hoje das Crianças, analisamos como se dão estes ajustes no discurso de divulgação científica dirigido ao público infantil.

As atividades propostas foram as seguintes:

1. *O autor é identificado? Que informações são dadas sobre ele?*
2. *Comente o título do texto: ele mantém as características do texto de divulgação científica destinado a adultos?*
3. *Ao tratar de um tema científico como o processo químico descrito no texto, o autor procura torná-lo mais compreensível para as crianças, utilizando um exemplo conhecido da maioria delas. Qual é este exemplo? Você considera que esta estratégia atinge o seu objetivo, ou seja, torna o texto mais fácil de entender e atraente para a criança? Justifique.*
4. *Analise agora a construção composicional do texto e aponte semelhanças e diferenças (se houver) com o texto de divulgação científica para adultos.*
5. *Vamos comparar as marcas do discurso científico presentes no texto com as que já estudamos no texto para adultos. Faça uma legenda, escolhendo uma cor para cada item abaixo, e pinte o texto de acordo com ela:*
 - Utilização de termos técnicos*
 - Depoimento de autoridade*
 - Preocupação com a norma culta da língua*
 - Índices de impessoalidade*

6. Após a realização do exercício anterior, você deve ter notado que uma das características do texto de divulgação científica para adultos não se mantém no texto para crianças. Qual é ela? Converse com seus colegas e levante hipóteses sobre o porquê disso acontecer. Depois o professor confirmará se elas estão corretas ou não.

7. “Ao utilizar expressões como “Tem gente que vai torcer o nariz”, “se a gente souber”, “esperar um tempinho”, o autor emprega um vocabulário e uma forma de escrever mais próximos da linguagem utilizada pela criança no seu cotidiano. O seu objetivo, com isso, além de facilitar o entendimento, é o de tornar o texto mais atraente para o seu público-alvo”.

- Você concorda com a afirmação anterior? Justifique.

8. Destaque, no texto, quatro exemplos de interpelação direta ao leitor.

9. O autor, para aproximar ainda mais o leitor do que está sendo dito, utiliza-se ainda de duas outras estratégias:

a. Emprega a primeira pessoa do plural (nós) ou o seu equivalente **a gente**, ainda mais coloquial. Desta forma, o efeito provocado é o de fazer o leitor sentir-se incluído no discurso. Podemos citar como exemplo a oração: “Mas faz todo sentido se a gente souber que a gelatina nada mais é [...]”

- Agora é sua vez! Procure no texto outros exemplos em que isto acontece.

b. Utiliza marcadores conversacionais próprios da linguagem oral. Na oralidade, são formas de chamar a atenção do interlocutor, estabelecendo ou restabelecendo contato, buscando assegurar

a interação. Na oração “Bom, mas o processo de produção da gelatina não pára aí”, a palavra ‘bom’ tem esta função. Tanto que, sem ela, a frase seria perfeitamente inteligível. Ao trazer um elemento tão informal para a escrita, o autor consegue criar uma impressão de familiaridade com o leitor.

- Existe apenas uma outra oração do texto em que este fato também acontece. Procure identificá-la e copie-a aqui, como outro exemplo:

10. O caráter metalingüístico é ainda mais acentuado no texto para crianças. A explicação dos termos técnicos ou mais distantes do vocabulário infantil, neste texto, acontece de três formas diferentes: pela definição, exemplificação e parafraseagem. A seguir, elaboramos um quadro com o conceito e um exemplo de cada um destes recursos da língua. Cabe a você voltar ao texto e procurar outros exemplos para completar ao quadro:

DEFINIÇÃO	EXEMPLIFICAÇÃO	PARAFRASAGEM
Explicação do significado de um termo que já foi mencionado no texto.	Busca tornar mais concretos os conceitos abstratos, dando maior clareza ao texto.	Explicação de termos técnicos com palavras do senso comum.
Exemplos: “ A gelatina é produzida a partir da pele, dos ossos e dos tendões – as fibras que unem os músculos aos ossos – de animais como bois e porcos.” ...	Exemplos: “Como foi dito no comecinho do texto, a gelatina pode ser feita, por exemplo, a partir de tendões de animais[...].” ...	Exemplos: “[...] o que permite que ela se torne solúvel, ou seja, que se dissolva em água[...].” ...

11. Produção de texto: para finalizar o nosso estudo, agora que você já conhece bem o texto de divulgação científica para crianças, faça uma pesquisa sobre um tema científico que você considera interessante (pode ser até um conteúdo que você esteja estudando em alguma disciplina) e produza um texto de divulgação científica que possa ser lido, por exemplo, pelos alunos da 4ª ou 5ª séries de sua escola. Não se esqueça de adequar a sua linguagem e pensar na construção composicional, para tornar o texto atraente ao seu público.

Com a ajuda do(a) professor(a), procure garantir que o texto realmente chegue às mãos das crianças, até para que você possa avaliar se conseguiu atingir o objetivo: divulgar o conhecimento científico através de uma linguagem acessível, convencendo o seu leitor da sua “verdade”.

Se for possível, a turma poderá criar uma revista e disponibilizá-la na biblioteca da escola.

Cada uma das atividades propostas exigiu que os alunos realizassem uma análise cuidadosa do texto, bem como a intervenção direta do professor. A título de exemplificação, vamos detalhar alguns conteúdos.

Como já vimos, o texto de Divulgação Científica para Crianças constitui-se como um interdiscurso construído a partir da incorporação de dois outros discursos: o científico (através dos índices de objetividade) e o jornalístico (através dos índices de subjetividade). Para deixar esse conceito mais claro, optamos por apresentar dois exemplos da análise lingüística realizada em cada caso. Assim, como exemplo de índices de objetividade, explicitaremos os índices de impessoalidade e depoimento de autoridade. Em relação aos índices de subjetividade, demonstraremos a linguagem acessível e interpelação direta ao leitor. Lembramos que nosso objetivo sempre foi o de, a partir das condições de produção, verificar

como os elementos verbais – os recursos disponíveis na língua – atuam na construção de sentido do texto. Seleccionamos apenas esses aspectos por acreditarmos serem bastante representativos do trabalho realizado.

Índices de impessoalidade

A nominalização, estratégia que contribui para o apagamento do sujeito, dando voz às coisas, esconde a subjetividade, reforça o mito da neutralidade científica, do conhecimento acadêmico como algo intrinsecamente verdadeiro e, portanto, inquestionável. É como se o autor (nesse caso, o cientista) fosse apenas o porta-voz da verdade. É uma forma de legitimar o seu discurso. Sintaticamente, podemos observar que os objetos estão na função de agentes e as orações em que isso ocorre estão na voz ativa. Vejamos alguns exemplos retirados do texto:

“E essa proteína, o colágeno, tem grande capacidade de interação, sendo capaz de se ligar a outras do mesmo tipo, formando não só o tendão, mas, também, a fibra que une os dentes ao osso da mandíbula, por exemplo”.

“(...) as moléculas do colágeno passam a interagir com as moléculas de água, permitindo, assim, que a gelatina se dissolva em água”.

“(...) a gelatina solidifica mesmo fora do congelador”.

“Isso porque basta passar pelo estômago para a gelatina ser degradada e começar a liberar o medicamento propriamente dito”.

Outro índice de impessoalidade que podemos observar no texto é a predominância do tempo verbal presente, indicando atemporalidade e contribuindo para que o discurso se revista de um caráter de universalidade, reforçando a inquestionabilidade e a

veracidade pretendidas nesse tipo de discurso. Segundo Weinrich (apud Koch, 2003) a atitude comunicativa do produtor do texto pode ser narrativa ou comentadora. O tempo do mundo narrado é o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, que indicam um certo distanciamento do narrador em relação ao que conta. O tempo presente e futuro, por outro lado, reporta-se ao mundo comentado, no qual o autor compromete-se com o que diz, ainda que de forma não explícita. É a subjetividade escondida por trás de uma aparente objetividade. Podemos observar que isso acontece de forma recorrente no texto:

“A gelatina **é produzida** a partir da pele, dos ossos e dos tendões”.

“Para se transformar em gelatina a pele, os ossos e os tendões **passam** por um longo processo”.

A predominância da terceira pessoa e a assertividade - emprego de afirmações - também contribuem para conferir um caráter de impessoalidade ao texto, conforme podemos constatar nas orações abaixo:

“É porque basta essa mistura esfriar para as proteínas voltarem a interagir e formarem novamente ligações entre elas, que são justamente as responsáveis pela solidificação da gelatina”.

“(…) essas folhas darão origem a um pó, que, misturado a açúcares, corantes e aromatizantes, formarão a gelatina que conhecemos e compramos no mercado”.

Depoimento de autoridade

Diferentemente do texto de divulgação científica para adultos, não há marcação explícita da voz do cientista (seja através

de citações diretas ou indiretas). Uma possível explicação poderia ser a pressuposição de que, para a criança, o fato do discurso ser produzido por um adulto, por si só, basta para assegurar o caráter de autoridade e confiabilidade das informações do texto. Sob esse ponto de vista, presume-se que o leitor infantil seja mais receptivo e menos crítico do que o adulto.

Linguagem acessível

Constatamos o emprego de um léxico e sintaxe coloquiais, mais próximos da variedade lingüística utilizada no cotidiano das crianças. São muitos os exemplos no texto, dentre eles: “Tem gente que vai torcer o nariz”; “se a gente souber”; “esperar um tempinho”; “vale a pena falar um pouquinho mais”.

Interpelação direta ao leitor

Em vários trechos percebemos a presença da interpelação direta ao leitor, simulando uma interlocução oral (através de interrogações). Com esse recurso consegue-se o efeito de aproximá-lo do que está sendo dito, como podemos constatar nos períodos:

“Ou quem não sabe que, para fazer gelatina, é preciso usar água?”

“Antes de dar a primeira colherada, você saberia dizer por que é preciso usar primeiro água quente, depois a fria e qual a razão para a gelatina endurecer na geladeira?”

“Mas... e por que adicionamos água fria e levamos à geladeira o pó da gelatina dissolvido em água fervente?”

“Mas você sabia que há ocasiões em que a gelatina nem precisa ir para o refrigerador?”

Como podemos observar, cada um dos aspectos analisados exige um certo conhecimento gramatical, um domínio das

regras de funcionamento da língua. Vários conteúdos que, tradicionalmente, são trabalhados pela escola de maneira descontextualizada, sem vínculo com situações de uso real da linguagem, tiveram que ser mobilizados para que os alunos dessem conta de perceber os mecanismos através dos quais o autor do texto de Divulgação Científica para Crianças procura esconder a sua voz, dando aos fatos descritos um caráter de irrefutabilidade dificilmente questionável pelo leitor comum.

Assim, por exemplo, para analisar as frases em que os objetos estivessem na função de agente, foi necessário que soubessem identificar o sujeito das orações e diferenciar a voz ativa da passiva. Da mesma forma, havia a necessidade de identificar os verbos e conhecer suas flexões (tempo, modo, número e pessoa). Além disso, também era fundamental reconhecer as orações declarativas. É interessante apontar que, em muitos casos, houve a necessidade de se retomar alguns dos conteúdos acima mencionados, recorrendo inclusive à metalinguagem, quando necessário. Mas, mesmo quando isolávamos determinado fato lingüístico, era de forma que fazia sentido para o aluno, pois este era analisado dentro de um contexto.

CONCLUSÃO

Após a implementação pedagógica aplicada na escola, pudemos constatar que os conteúdos gramaticais, normalmente descontextualizados, passam a ser indispensáveis para o completo entendimento do texto. Numa concepção interacionista de linguagem, não podemos perder de vista que só no interior do seu funcionamento o estudo da língua tem sentido. É o que afirma Geraldini (2006, p. 42):

“Dentro de tal concepção, já é insuficiente fazer uma tipologia entre frases afirmativas, interrogativas, imperativas e optativas a que estamos habituados, seguindo manuais didáticos ou gramáticas escolares. No ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentença”.

Constatamos, portanto, que a grande questão que se coloca para o professor de língua portuguesa não é se deve ou não ensinar gramática, mas que regras ensinar e em que perspectiva, pois toda atividade de ensino da língua deve girar em torno da compreensão e da produção de textos orais e escritos. É apenas no domínio do texto que o entendimento da gramática encontra relevância e aplicabilidade.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua Materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: instruir. São Paulo: FTD, 2003.

BRANDÃO, Helena N. (coord). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica.** São Paulo: Cortez, 2000.-(Coleção aprender e ensinar com textos; v.5).

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** -2, ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore V. **A interação pela linguagem.** 8.ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Linguística textual: introdução.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002

LEIBRUDER, A. P. **O discurso de divulgação científica.** In: BRANDÃO, Helena N. (coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica.** São Paulo: Cortez, 2000. -(Coleção aprender e ensinar com textos; v.5)

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica.** Curitiba, Paraná: SEED, 2007.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepção de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa.** In: RITTER, L.C.R; SANTOS, A.R. (org) **Concepções de linguagem e ensino de Língua Portuguesa.** Coleção formação de Professores EAD. nº 18. Maringá: EDUEM, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

SILVA Joab Trajano. **Gelatina: doce curiosidade.** Ciência Hoje das Crianças. Rio de Janeiro, n.181, p.2-5,jul.2007

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural.** 2. ed. São Paulo: Cortez: 2004.

_____. **Gramática e interação.** 11ed. São Paulo: Cortez, 2006.